

A microconstrução “daí que” e a orientação argumentativa dos textos: um estudo textual-funcional

The microconstruction “daí que” and the argumentative orientation of texts: a textual-functional study

Jairo Santos AQUINO 

Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Brasil
jairo.aquino@ufes.br

Resumo: Este estudo investiga a microconstrução “daí que” e a orientação argumentativa dos textos, focalizando seus efeitos pragmático-discursivos e sua contribuição para as estratégias de textualização, coesão e coerência. Adota uma proposta de interface entre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (Cunha, Bispo e Silva, 2013) e a Linguística Textual (LT) (Neves, 2004; Abreu, 2017; Castanheira, 2020, 2022). A metodologia empregou uma análise sincrônica de 32 ocorrências do conector “daí que” extraídos do *Corpus do Português NOW*. A análise quantitativa identificou a frequência de uso do conector, enquanto a qualitativa explorou suas funções discursivas e implicações para a progressão e coerência textual. Em conclusão, o estudo sugere que a microconstrução “daí que” desempenha um papel fundamental nas estratégias de textualização, particularmente em sequências argumentativas, contribuindo significativamente para a coesão e progressão textual. Seu uso recorrente, conforme o processo de construcionalização, reforça seu papel como articulador de relações de causalidade e conclusão corroborando os estudos de Arena (2014, 2015). O estudo também destaca os desafios em classificar sequências textuais de forma rígida, pois o “daí que” transita entre funções de consequência e conclusão, especialmente em contextos expositivo/descritivos, sugerindo a necessidade de se considerar que os gêneros textuais são dinâmicos e frequentemente mesclam diferentes sequências.

Palavras-chave: daí que; conectores; LFCU; LT; textualização.

Abstract: This study investigates the microconstruction “daí que” and the argumentative orientation of texts, focusing on its pragmatic-discursive effects and its contribution to textualization strategies, cohesion, and coherence. It adopts an interface proposal between Usage-Based Functional Linguistics (LFCU) (Cunha, Bispo e Silva, 2013) and Text Linguistics (LT) (Neves, 2004; Abreu, 2017; Castanheira, 2020, 2022). The methodology employed a synchronic analysis of 32 occurrences of the connector “daí que” extracted from the *Corpus do Português NOW*. Quantitative analysis identified the frequency of use of the connector, while qualitative analysis explored its discursive functions and implications for textual progression and coherence. In conclusion, the study suggests that the microconstruction “daí que” plays a fundamental role in textualization strategies, particularly in argumentative sequences, significantly contributing to textual cohesion and progression. Its recurrent use, according to the construcionalization process, reinforces its role as an articulator of causality and conclusion relations corroborating the studies by Arena (2014, 2015). The study also highlights the challenges in rigidly classifying textual sequences, as “daí que” transitions between consequence and conclusion functions, especially in expository/descriptive contexts, suggesting the need to consider that textual genres are dynamic and frequently blend different sequences.

Keywords: daí que; connectors; LFCU; LT; textualization.

1 INTRODUÇÃO

O conector “daí que” tem se destacado no português contemporâneo como um importante operador lógico-argumentativo, desempenhando um papel central na articulação de ideias e na construção de sequências discursivas. Embora sua origem esteja ligada a uma estrutura mais composicional, formada por elementos como o advérbio “daí” e a conjunção “que”, o “daí que” passou por um processo de gramaticalização e construcionalização que o consolidou como um conector de conclusão e resultado. Esse desenvolvimento o diferencia de outros marcadores discursivos, como “então” e “por isso”, ao conferir-lhe uma função específica no encadeamento lógico de enunciados.

A relevância do “daí que” no português atual pode ser observada em sua ampla utilização em gêneros textuais argumentativos, como artigos de opinião, ensaios acadêmicos e textos jornalísticos, em que a necessidade de marcar relações de causalidade e inferência é frequente. Em contextos como esses, o “daí que” não apenas conecta ideias, mas também orienta o leitor ou ouvinte para uma conclusão lógica, atuando como um operador essencial na organização do discurso. Além disso, o conector tem sido

identificado como parte de uma rede maior de construções de resultado, conforme discutido por Arena e Teixeira (2021), o que indica sua crescente integração à gramática do português.

Estudos recentes, como os de Arena (2014, 2015) e Arena e Teixeira (2021), têm se debruçado sobre a trajetória diacrônica e sincrônica desse conector, evidenciando seu processo de fixação na língua. Esses estudos apontam que, ao longo dos séculos, o “daí que” passou por transformações importantes, sendo, atualmente, uma construção microestrutural que vincula forma e significado de maneira consolidada.

Assim, um aspecto relevante deste artigo é a proposta de interface entre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Linguística Textual (LT) (Neves, 2004; Abreu, 2017; Castanheira, 2020, 2022), a fim de analisar como o uso do conector “daí que” contribui para as estratégias de textualização, sobretudo a orientação argumentativa. Esse estudo considera os efeitos pragmático-discursivos do conector, focando nas maneiras como ele organiza a informação e constrói relações de causa e consequência nos textos, promovendo a coesão e a coerência (Fávero e Koch, 2002).

2 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO (LFCU)

A Linguística Funcional se baseia na premissa de que a língua é uma ferramenta fundamentalmente orientada para a comunicação, sendo moldada por fatores pragmáticos e cognitivos que emergem do uso cotidiano (Bybee, 2016). Esse modelo prioriza a função comunicativa da linguagem e argumenta que a estrutura linguística é subserviente às suas funções. O funcionalismo clássico, conforme descrito por Givón (1979), enfatiza que a gramática emerge gradualmente do léxico e de elementos discursivos menos gramaticais em direção a elementos mais fixos e gramaticalizados.

A abordagem construcional, descrita por Traugott e Trousdale (2021), avança essa perspectiva ao tratar a gramática como uma rede de construções que são emparelhamentos de forma e significado, organizados em diferentes níveis de abstração. Essa abordagem integra uma visão cognitiva, em que o uso frequente de certas construções gera padrões estáveis, chamados de “construções”, que desempenham papéis específicos

no discurso. Essas construções variam em termos de esquematicidade e produtividade, conceitos que serão exploradas mais adiante.

A origem da LFCU pode ser atribuída aos trabalhos do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, vinculado a instituições como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Esse grupo foi responsável por cunhar o termo Linguística Funcional Centrada no Uso, destacando uma nova fase de estudos funcionalistas no Brasil. Conforme Cunha, Bispo e Silva (2013), a LFCU se caracteriza como um desdobramento da chamada Linguística Centrada no Uso, conforme proposta por Martelotta (2011), que, por sua vez, se aproxima da Linguística Cognitivo-Funcional de Tomasello (1998) e dos Modelos Baseados no Uso de Bybee (2016).

A LFCU, no Brasil, tem uma clara herança das tradições do Funcionalismo Americano, um movimento da linguística que se desenvolveu nas últimas décadas do século XX. Linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón, e Elizabeth Traugott são figuras centrais desse movimento, que desafiou as abordagens mais formalistas da linguagem e trouxe uma visão que enfatiza o uso real da linguagem como chave para entender sua estrutura e funcionamento. Esses estudiosos, que foram pioneiros em suas respectivas épocas, mudaram o modo como o fenômeno linguístico é estudado, propondo que as formas linguísticas emergem e se moldam a partir das funções comunicativas e dos contextos sociais em que são usadas.

Embora o termo LFCU realce a dimensão funcional da linguagem, ela também abrange outras influências teóricas importantes, como:

- a) Linguística Cognitiva: essa corrente argumenta que a linguagem está intrinsecamente ligada aos processos cognitivos e que as estruturas linguísticas refletem o modo como os seres humanos percebem e interpretam o mundo. A LFCU incorpora essa visão ao argumentar que a linguagem emerge não apenas de sua função social, mas também da forma como ela é processada e armazenada na mente;
- b) Gramática das Construções: há uma premissa na origem da LFCU de que as habilidades linguísticas são adquiridas e moldadas pelo uso cotidiano, tal como outras capacidades cognitivas. Nessa

perspectiva, a língua é entendida como uma rede de construções — pareamentos simbólicos convencionais entre forma e significado, conforme descrito por Langacker (1987) e Croft (2001).

A principal inovação da LFCU, em relação a vertentes anteriores do Funcionalismo, está na incorporação das ideias da Gramática das Construções (Goldberg, 1995, 2006) e da Linguística Cognitiva, que trazem para o centro da análise linguística os processos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções.

Na LFCU, a linguagem é entendida como uma rede de construções emergentes do uso, que passam por processos de gramaticalização e construcionalização, conforme o conceito desenvolvido por Traugott (2008). Nesse processo, os elementos linguísticos, como o conector “daí que”, são analisados a partir de sua trajetória de mudança gramatical. As construções que surgem através desses processos refletem a interação constante entre forma e função, ancoradas em contextos de uso específicos. Segundo Croft (2001), as construções linguísticas são representações cognitivas que se desenvolvem em função de sua frequência e utilidade no discurso.

Por fim, no contexto do estudo dos conectores, como o “daí que”, a LFCU enfatiza o papel desses elementos na coesão e coerência textuais, associando-os à organização do discurso e à orientação argumentativa. Arena (2015) explora como o “daí que” se estabelece como um conector lógico-argumentativo através de um processo de construcionalização, no qual suas subpartes se consolidam como uma única unidade de significado. A repetição desse conector em diferentes contextos contribui para sua fixação na língua, reforçando sua função argumentativa.

2.1 Conceitos-chave da abordagem funcional-construcionista

Apresentaremos a seguir, de forma resumida, a exposição de um conjunto de conceitos que sustentam a abordagem funcional da linguagem no quadro construcionista. Esses conceitos, amplamente discutidos na literatura da área, ao serem considerados em conjunto, revelam a interdependência entre forma, significado e contexto, evidenciando como o uso linguístico molda e reorganiza o sistema gramatical. A perspectiva

funcional-construcionista permite observar que construções são unidades cognitivas emergentes do uso linguístico, constantemente moldadas por fatores pragmáticos, sociais e discursivos.

Assim, o entrelaçamento entre forma e significado, mediado pelo contexto, constitui a base para compreender a gramática como um sistema dinâmico, adaptativo e sensível ao uso. A articulação desses conceitos é importante para a compreensão dos mecanismos de emergência, organização e funcionamento das construções linguísticas em uso. São eles: variação e mudança; construcionalização e construcionalidade; mudanças construcionais; composicionalidade, produtividade e esquematicidade; relações verticais e horizontais na rede de construções; *chunk* e *chunking*; *type* e *token*; gradiência; e microconstrução.

Na Linguística Funcional, a variação e a mudança linguística são vistas como processos naturais impulsionados pelo uso (Silva, Furtado da Cunha, 2022). Mudanças ocorrem à medida que formas linguísticas são reinterpretadas pelos falantes, influenciadas por fatores contextuais, pragmáticos e sociais. A perspectiva funcional valoriza a análise diacrônica e sincrônica da língua, e a noção de gramaticalização é central para entender a transição de formas mais lexicais para formas mais gramaticais. Em vez de categorizar as mudanças como saltos abruptos, a gradiência da mudança é essencial: categorias linguísticas não possuem fronteiras rígidas, mas sim uma transição gradual de um estado a outro (Traugott, 2008).

O conceito de construcionalização, segundo Traugott e Trousdale (2021), refere-se ao processo pelo qual uma nova construção é criada ou uma existente é modificada no sistema linguístico. Esse processo envolve a mudança tanto na forma quanto no significado da construção. A construcionalização gramatical ocorre quando uma unidade linguística adquire um papel gramatical mais definido, enquanto a construcionalização lexical resulta na criação de novas palavras ou expressões cristalizadas. A construcionalidade, por outro lado, refere-se ao grau em que uma construção se estabilizou dentro do sistema linguístico, desempenhando uma função argumentativa ou discursiva específica. O conector “daí que”, por exemplo, é um caso de microconstrução que passou por um processo de construcionalização, estabilizando-se como um marcador lógico-argumentativo.

As mudanças construcionais são o processo pelo qual novas formas linguísticas surgem e se estabilizam no sistema linguístico. Traugott e Trousdale (2021) descrevem o processo de construcionalização como a criação de uma nova construção, ou seja, um emparelhamento de forma e significado que se estabiliza ao longo do tempo. Esse processo ocorre tanto no nível gramatical quanto no lexical e está intimamente ligado à ideia de reanálise e analogia.

No caso de expressões como “daí que”, pode-se observar uma microconstrução que passou por um processo de construcionalização, adquirindo um papel fixo como conector lógico-argumentativo. O estudo dessas construções no contexto da LFCU permite observar como a variação no uso diário pode levar à criação de novas formas ou à estabilização de formas existentes.

A composicionalidade se refere à capacidade de uma construção linguística de ter seu significado inferido a partir dos significados de suas partes constituintes. No entanto, muitas construções, como as argumentativas, podem se tornar menos composicionais à medida que se estabilizam como expressões fixas. Isso ocorre com o conector “daí que”, que, ao longo do tempo, adquiriu um significado argumentativo fixo, o que o torna menos composicional do que a soma de suas partes.

A produtividade está relacionada à capacidade de uma construção gerar novos exemplos. Construções mais produtivas, como esquemas gramaticais amplamente utilizados, podem aceitar uma ampla gama de palavras ou expressões. Já construções menos produtivas, como “daí que”, têm uma forma mais fixa e uma gama limitada de variações. A esquematicidade refere-se ao grau de abstração de uma construção. Construções mais esquemáticas são mais gerais, permitindo múltiplos preenchimentos lexicais, enquanto construções menos esquemáticas, como “daí que”, são altamente específicas.

As construções linguísticas são organizadas em uma rede, que inclui tanto relações verticais quanto relações horizontais entre construções (Traugott; Trousdale, 2021). As relações verticais referem-se à hierarquia entre esquemas e subesquemas. Por exemplo, “daí que” pode ser visto como parte de um esquema mais amplo de construções [X-que].

As relações horizontais envolvem a coexistência de construções que possuem formas semelhantes, mas desempenham funções ligeiramente diferentes. Por exemplo, conectores como "de modo que" ou "portanto" podem estar relacionados horizontalmente com “daí que”, compartilhando uma função causal, mas variando em seu grau de formalidade ou frequência de uso.

Chunking é o processo cognitivo pelo qual uma sequência de elementos linguísticos frequentemente coocorrentes é armazenada e processada como uma unidade única, ou *chunk*. Bybee (2016) observa que essas sequências se tornam “pacotes” linguísticos que os falantes recuperam como um todo, facilitando a fluidez e a eficiência da comunicação. O conector “daí que” pode ser entendido como um *chunk*, uma expressão fixa cuja função argumentativa é rapidamente recuperada pelos falantes sem a necessidade de análise morfológica ou sintática detalhada.

Os conceitos de *type* e *token* são essenciais para entender a variação e a frequência de uso na LFCU. Um *token* refere-se à ocorrência específica de um item linguístico em um determinado contexto, enquanto um *type* é a forma abstrata subjacente desse item. Em termos de frequência, a análise de *tokens* permite estudar como e em que contextos construtos como “daí que” são usados, enquanto o conceito de *type* ajuda a entender o padrão geral de sua aplicação na língua.

A gradiência é um conceito-chave que se refere ao fato de que as fronteiras entre categorias linguísticas nem sempre são claramente definidas. Segundo Traugott (2008), categorias linguísticas, como construções argumentativas, tendem a se sobrepor, resultando em uma transição gradual entre funções semânticas e gramaticais. No caso do conector “daí que”, pode-se observar sua função gradativa entre ser um marcador causal mais concreto e um marcador argumentativo mais abstrato.

Já a noção de microconstrução refere-se a construções linguísticas específicas e altamente convencionizadas, como o conector “daí que”. As microconstruções são unidades menores dentro de um sistema linguístico mais amplo de macroconstruções, desempenhando funções argumentativas ou discursivas específicas. O estudo de microconstruções

como “daí que” permite observar como os falantes usam formas convencionais para expressar relações lógicas e organizar a argumentação no texto.

3 INTERFACE ENTRE LFCU E LT

Há interfaces significativas entre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Linguística Textual (LT), especialmente no que diz respeito à análise da coerência, da coesão e da organização argumentativa no discurso. Enquanto a LFCU se preocupa com o uso real da língua para a formação de construções, a LT foca na organização e na estruturação dos textos, considerando como os elementos linguísticos (como conectores e marcadores discursivos) contribuem para a articulação textual.

A LFCU, ao examinar construções como a microconstrução “daí que”, pode utilizar os princípios da Linguística Textual para compreender como esse conector opera dentro de uma rede textual para promover a coesão sequencial e a orientação argumentativa. Conectores como “daí que” são fundamentais para o estabelecimento de relações de causa e consequência nos textos, papel que é investigado tanto pela LFCU quanto pela LT.

Por exemplo, Lopes e Moura (2022) discutem como conectores complexos contribuem para a coesão textual, operando em diferentes níveis do discurso, o que poderia ser aplicado à análise do “daí que”. Assim, enquanto a LFCU se concentra no pareamento simbólico entre forma e função, a LT oferece ferramentas para investigar como esse conector funciona dentro de uma macroestrutura textual, contribuindo para a coesão referencial e sequencial.

Além disso, a noção de que a língua é um sistema adaptativo complexo, defendida pela LFCU, também é relevante para a Linguística Textual, que vê o texto como uma unidade comunicativa composta por elementos interdependentes. A abordagem de construcionalização (Traugott; Trousdale, 2021), discutida nos trabalhos da LFCU, ajuda a entender como novas construções, como o “daí que”, emergem no uso linguístico e como essas construções são integradas no discurso textual de forma dinâmica.

No caso do “daí que”, a LFCU oferece *insights* sobre o desenvolvimento histórico e a consolidação do conector como uma microconstrução argumentativa. A LT, por sua vez, permite entender como essa microconstrução opera no nível textual, conectando diferentes segmentos do discurso e facilitando a progressão argumentativa. Segundo Koch e Elias (2010), elementos coesivos como o “daí que” desempenham um papel central na manutenção da continuidade temática e na orientação do leitor.

Ao articular as duas perspectivas, este estudo pode mostrar como o “daí que” é não apenas uma construção emergente no uso, mas também um elemento chave para a construção do sentido nos textos argumentativos contemporâneos. Essa análise permitirá explorar tanto o desenvolvimento cognitivo e funcional do conector quanto sua aplicação prática na organização textual.

4 SEQUÊNCIAS TIPOLÓGICAS E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA

A fundamentação teórica sobre as sequências textuais pode ser articulada a partir da perspectiva da LT, principalmente com base nas contribuições de Adam (2011) e Marcuschi (2002), entre outros autores. As sequências textuais são unidades textuais complexas que, segundo Adam (2011), organizam-se em diferentes formas discursivas que servem para compor a macroestrutura de um texto. Essas formas incluem as sequências narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. O conceito de sequência textual é importante para entender a estruturação dos textos, sendo um ponto de interseção entre a forma composicional e os aspectos pragmáticos da interação.

A LT, ao propor a noção de sequência textual, desloca o foco da análise linguística da frase isolada para o texto em sua completude, observando como diferentes tipos de sequências podem coexistir dentro de um único gênero discursivo. Adam (2011) sugere que essas sequências são formadas a partir de combinações macroproposicionais e que podem interagir em um mesmo texto, gerando uma heterogeneidade composicional. Por exemplo, um texto predominantemente argumentativo pode conter sequências explicativas ou narrativas que servem para reforçar a tese principal.

Adam (2011) define cada sequência como uma macroestrutura textual que organiza a informação e se relaciona diretamente com as intenções comunicativas do produtor do texto. Essa abordagem é fundamental para entender como o conector “daí que” pode atuar em diferentes sequências, como a explicativa e a argumentativa, uma vez que, dependendo do contexto de uso, esse conector pode desencadear inferências argumentativas ou explicativas no desenvolvimento textual.

No contexto da LFCU, o conceito de construcionalização (Traugott; Trousdale, 2021) é particularmente relevante para conectar o uso de sequências textuais com processos de mudança linguística. A LFCU enfoca o papel central do uso repetido nas mudanças que ocorrem em construções linguísticas ao longo do tempo. Essa perspectiva considera que elementos como o conector “daí que” passam por processos de construcionalização à medida que seu uso em contextos argumentativos se cristaliza e estabiliza em padrões mais esquemáticos, como discutido em estudos como o de Traugott e Trousdale (2021).

A interface entre a LFCU e a LT, neste trabalho, emerge quando consideramos como a repetição de padrões discursivos (sequências textuais) pode contribuir para a construcionalização de certos conectores. No caso do “daí que”, o uso frequente em textos argumentativos reforça sua função de marcador argumentativo, um processo que pode ser descrito tanto em termos de sequências textuais na LT quanto de construcionalização na LFCU. Isso ocorre porque a LT fornece as bases para a análise da estrutura textual, enquanto a LFCU oferece um modelo para entender como esse uso repetido pode transformar uma construção linguística em um conector estabilizado.

Assim, no cruzamento dessas abordagens, temos a concepção de que as sequências textuais não apenas estruturam o texto, mas também desempenham um papel crucial na mudança e estabilização de marcadores discursivos. Este estudo sobre o conector “daí que” sob essas duas perspectivas busca revelar como sua função argumentativa emerge das sequências textuais argumentativas e como, pela repetição em diferentes gêneros discursivos, ocorre sua estabilização como um marcador construcionalizado, com uma função comunicativa específica.

5 ANÁLISES ANTERIORES DO CONECTOR “DAÍ QUE”

O conector “daí que” é formado por três elementos: a preposição “de”, o advérbio locativo “aí” e a conjunção “que”. Historicamente, “de” remete a um indicativo de origem ou causa, enquanto “aí” era utilizado para denotar uma localização física ou temporal próxima ao enunciador. Já o “que”, como conjunção, desempenha um papel importante na introdução de orações subordinadas.

Arena (2014) ressalta que, em um primeiro momento, a expressão “daí que” era utilizada em construções locativas para indicar relação de lugar ou tempo. No entanto, com o tempo, a expressão passou por um processo de mudança semântico-pragmática, adquirindo uma função argumentativa e estabelecendo relações lógicas de causa e consequência.

A trajetória de mudança do “daí que” envolve os processos de gramaticalização e construcionalização, termos centrais para a LFCU. Segundo Traugott e Trousdale (2021), a gramaticalização refere-se à transformação de itens lexicais em itens mais gramaticais, enquanto a construcionalização abarca a criação de novas construções linguísticas através do pareamento forma-significado.

Arena (2015) identifica três estágios principais na gramaticalização do “daí que”. Inicialmente, a expressão foi utilizada em contextos locativos e temporais (por exemplo, “de aí que ele foi para casa”). Com o tempo, passou a ser usada em contextos argumentativos, estabelecendo uma relação inferencial entre uma premissa e uma conclusão, até se consolidar como um conector lógico-argumentativo. Nesse processo, houve perda de composicionalidade entre os componentes originais, de modo que o “daí que” se tornou uma unidade única e fixa.

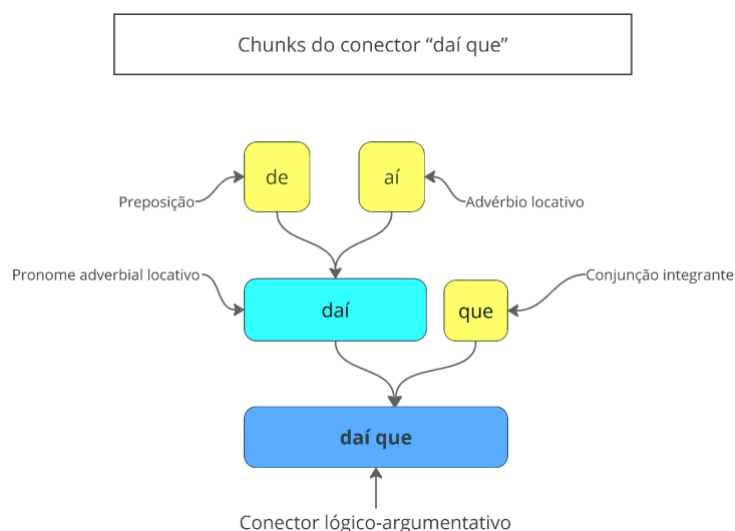
Na sincronia atual, o “daí que” opera principalmente como um conector de resultado e inferência, indicando uma relação de causa e consequência entre orações. Esse fenômeno reflete a perda de fronteiras entre suas partes constitutivas, criando uma microconstrução argumentativa estável. Bybee (2003) destaca que o uso repetido de expressões gramaticalizadas em contextos específicos leva à sua fixação como construções convencionais, o que é evidenciado no caso do “daí que”.

A abordagem de Arena e Teixeira (2021) sobre a expressão de resultado do “daí que” no português moderno enfatiza que esse conector é parte de uma rede construcional maior de conectores de resultado: “portanto”, “logo” e “consequentemente”. Essa rede reflete a variabilidade de expressões linguísticas que compartilham funções discursivas semelhantes, mas apresentam diferenças sutis em termos de frequência de uso, formalidade e padrões de coesão textual.

A rota de construcionalização do “daí que”, conforme proposta por Arena (2014, 2015), passa pelos contextos atípicos e críticos definidos por Diwald (2006), que são estágios em que os elementos linguísticos começam a ser reinterpretados de formas inovadoras. Ao se consolidar no contexto de isolamento (uso argumentativo estável e desprovido de valor locativo), o “daí que” adquire um grau de esquematicidade zero ou nulo, estabelecendo-se como uma expressão de resultado que vem se especializando na argumentação em textos sincrônicos.

Na figura 1 ilustramos os *chunks* construcionais da microinstrução “daí que”.

Figura 1 - *Chunks* do conector “daí que”



Fonte: elaborada pelo autor

A título de esclarecimento, vale ressaltar que enquanto Arena (2015) se concentra tanto na sincronia quanto na diacronia do “daí que”, este artigo privilegia a análise sincrônica, a fim de observar como esta microconstrução opera em textos contemporâneos. Assim, a proposta de interface inspirada

nas abordagens desenvolvidas por Arena, busca permitir investigar como o “daí que” contribui para a coesão e coerência dos textos, ligando unidades textuais e orientando a leitura por meio de relações causais e inferenciais na sincronia escolhida.

6 METODOLOGIA

Este estudo baseia-se em dados extraídos do *Corpus* do Português NOW (*News on the Web*), que abrange uma vasta coleção de textos publicados *online* em língua portuguesa, a partir de 2012 a 2019. Especificamente, nossa análise foca no período de 2019, com o objetivo de captar o uso contemporâneo da microconstrução “daí que” em textos da variante brasileira do português.

O *Corpus NOW* é uma ferramenta amplamente utilizada em estudos linguísticos por sua capacidade de fornecer dados reais e atualizados de usos da língua em contextos jornalísticos e de mídia digital. Com mais de 6 bilhões de palavras, a plataforma organiza seus textos em diferentes registros textuais, incluindo notícias, artigos de opinião, crônicas e entrevistas. Dessa forma, o *corpus* oferece uma rica amostra da diversidade de tipologias textuais disponíveis, permitindo uma análise sincrônica precisa.

Para esta pesquisa, foi selecionada uma amostra composta por 32 ocorrências do conector “daí que”, distribuídas por 31 excertos de textos do domínio jornalístico presentes no *Corpus NOW*. O universo da pesquisa compreendeu uma busca simples pela expressão “daí que” cujo resultado retornou uma frequência de 6298 e de 5869 entradas¹. Após a filtragem por país (Brasil) e período (2019), recuperamos 122 entradas que serviram de base para nossos *corpora*. Os padrões de uso e a rota de construcionalização utilizados para a seleção das 32 ocorrências da microconstrução “daí que”, como conector lógico argumentativo, seguiram os parâmetros descritos por Arena (2015), resultando numa frequência *token* de 26%.

Em consonância com os princípios da LFCU (Bybee, 2016; Traugott e Trousdale, 2021), esta pesquisa entende que construções linguísticas, como

¹ <https://www.corpusdoportugues.org/now/?c=nowpt&q=122331137>

o conector “daí que”, são moldadas pelo uso frequente e pelos contextos em que ocorrem. O “daí que” será investigado como uma microconstrução argumentativa, operando em sequências textuais com diferentes funções discursivas. A análise quantitativa foi realizada com o apoio de ferramentas do *Corpus NOW* para identificar a frequência de uso do conector em registros textuais do domínio jornalístico (notícias, reportagens, editoriais, crônicas etc.).

Em termos de sequências textuais, a análise qualitativa buscou identificar os padrões de uso do “daí que” e suas implicações para a coerência e progressão textual, conceitos centrais na LT (Koch e Elias, 2010; Marcuschi, 2008). Neste sentido, foram observadas as funções discursivas que o conector assume em diferentes tipos de textos, desde sua função de articulação causal até seu papel na progressão argumentativa e na construção de inferências lógicas.

7 ANÁLISES

De acordo com os dados apresentados na seção de metodologia, demonstramos nas tabelas 1 e 2 a caracterização das ocorrências da microconstrução “daí que” como conector lógico-argumentativo.

Tabela 1- Frequência *token* de uso de “daí que” na expressão de consequência e conclusão, em articulação intrafrásica e interfrásica, conforme as sequências tipológicas

Sequências tipológicas	Articulação intrafrásica		Articulação interfrásica		Total por sequências
	Consequência	Conclusão	Consequência	Conclusão	
Argumentativa	-	4	-	11	15 (47%)
Expositiva/ descritiva	-	4	2	9	15 (47%)
Narrativa	-	-	2	-	2 (6%)
Total por valores	2	8	2	20	32 (100%)
Total por articulação	10 (31%)		22 (69%)		

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Em suma, os dados da **tabela 1** apontam para uma predominância da coesão interfrásica nos textos argumentativos e expositivos, com foco em conectar e concluir ideias, enquanto as narrativas utilizam mais conectores de consequência para ligar eventos.

Tabela 2 - Frequência *token* do conector “daí que” na expressão de consequência e conclusão, em ambas as posições frásicas, conforme sequências tipológicas

Sequências tipológicas	<i>Daí que</i>	
	Consequência	Conclusão
Argumentativa	-	15 (54%)
Expositiva/descritiva	2 (50%)	13 (46%)
Narrativa	2 (50%)	-
Total por expressão	4 (100%)	28 (100%)
Total geral	32	

Fonte: elaborada pelo autor (2025)

A análise dos dados da tabela 2 mostra que o conector “daí que” é usado predominantemente para marcar conclusão, totalizando 88% das ocorrências (28 casos). Esse uso é mais evidente nas sequências argumentativas, em que a expressão aparece exclusivamente para conclusão (15 casos, 54%), reforçando seu papel na organização lógica dos argumentos.

Em resumo, na nossa amostra, o conector “daí que” tem uma função essencialmente conclusiva em textos argumentativos e expositivos, enquanto nas narrativas é mais usado para indicar consequências.

A seguir, vejamos as análises de 4 textos que ilustram as ocorrências das sequências textuais nas expressões de conclusão e de consequência.

(01) Sequência argumentativa na expressão de conclusão:

Endividar em um parcelamento (razões profissionais, de saúde, etc.). O que eu condeno é o cara que tem uma condição financeira razoável, mas sempre quer dar um pulo maior que a perna e pedala em um milhão de parcelas, única e exclusivamente para dizer para a família e amigos que comprou um carro zero! E esse comportamento está muito mais para a

regra de o que para a exceção! Tem filho de a mãe que parcela uma entrada em CARTÃO DE CRÉDITO e o restante em 120 meses com um JURO ABSURDO! Aí o cara que tem um emprego razoável e uma condição de classe média acaba se endividando e terminando com seu orçamento apenas para comprar um carro! Não me leve a mal, é só um desabafo... e seguimos rumo a os populares de 100 mil. Daí que inflaciona o mercado inteiro de automóveis, só isso... Se financiam 130 mil em um Argo de 50 mil sem reclamar, pra que a montadora vai cogitar reduzir valores? Sem continuam comprando, aumento em o rabo de todo mundo. # Evandro # Não é bem assim, aqui em o Brasil qto menos se vende mais a montadora cobra para cobrir o "prejuízo" Não é a questão de que se vender bem eles cobram mais não.... # Lucas # Só ver o que a VW tá fazendo com o Jetta, ou o que a própria Toyota tá fazendo com o Corolla XEI, tendo em vista que estão perdendo mercado pros veículos rivais: Descontos de até 10 mil reais em cima de os anteriormente praticados. Não é você que precisa se dobrar perante as montadoras, o consumidor possui muito mais poder de o que imagina! # Muitas vezes é uma forma de o cidadão Fonte: <https://www.noticiasautomotivas.com.br/fiat-10-de-entrada-saldo-em-60-meses-e-descontos-de-ate-r-15-mil/>

A análise do texto 1 revela que a sequência em que o “daí que” ocorre está inserida num contexto argumentativo. O trecho está desenvolvendo uma crítica contra o comportamento dos consumidores que continuam comprando carros financiados a preços altos, o que, segundo o autor, resulta na inflação do mercado de automóveis. A porção textual usa argumentos para justificar a crítica, caracterizando uma sequência argumentativa.

A expressão “daí que” é usada para estabelecer uma conclusão que reforça a argumentação do autor, sendo interfrásica, utiliza o presente do indicativo para expressar um fato recorrente. O estilo coloquial e o alto grau de oralidade contribuem para a persuasão e proximidade com o leitor. No contexto geral do texto, o “daí que” está funcionando como operador argumentativo de valor semântico conclusivo.

(02) Sequência expositiva na expressão de conclusão

O Ferrari F430 Scuderia. # Durante a edição de o Salão de Genebra 2018 foi apresentada a versão definitiva de essa nova interpretação moderna de o Lancia Stratos (aqui), seguindo a mesma receita e estética que contava o modelo quando foi

apresentado em 2010 (aqui). De modo que é muito difícil distinguir as últimas versões de os primeiros protótipos apresentados há alguns anos. # A base técnica em todos os casos é a mesma, já que esse projeto utiliza o chassi cortado e a mecânica de o Ferrari F430 Scuderia. A diferença vamos encontrar em as dimensões, já que embora o novo Stratos seja consideravelmente mais longo, largo e alto que o Lancia Stratos Stradale original, o New Stratos continua sendo um modelo bastante compacto e de menor tamanho que o Ferrari que serve como base. Daí que utiliza a mesma plataforma, mas com uma distância entre-eixos que foi cortada em 20 cm. # Serão fabricadas somente 25 unidades de esse modelo em as instalações de a Manifattura Automobili Torino (MAT), a mesma empresa italiana responsável por a fabricação de projetos como os futuros Apollo Arrow e Scuderia Cameron Glickenhaus SCG 003S. # O preço base de cada um de esses elaborados trabalhos de reencarroamento é de 500. 000 euros, mas a esse valor é preciso acrescentar o valor de o próprio Ferrari F430 Scuderia, que deve ser fornecido por o próprio cliente e que em o mercado europeu de usados é difícil de ser encontrado abaixo de a barreira de os 200. 000 euros. A isso também devemos adicionar as possíveis configurações personalizadas que podem ser solicitadas por qualquer cliente, o que certamente disparará a fatura final. # Temos mais de 600 mil fotos de carros em alta resolução. Fonte: <http://planetcarsz.com/artigo/os-primeiros-exemplares-de-producao-do-new-stratos-serao-apresentados-no-salao-de-genebra>

No texto 2, a sequência [Daí que utiliza a mesma plataforma, mas com uma distância entre-eixos que foi cortada em 20 cm] pode ser classificada como expositiva, fornecendo detalhes técnicos sobre o *Lancia Stratos*, mas com um grau de formalidade menor em comparação a textos jurídicos ou acadêmicos, refletido na repetição de conectores e algumas estruturas sintáticas menos usuais. A sequência está fornecendo uma explicação detalhada sobre as características técnicas do veículo, especificamente sobre o uso da mesma plataforma do *Ferrari F430 Scuderia* e as alterações feitas na distância entre-eixos. O foco está em expor uma informação técnica relevante, destacando aspectos técnicos, dimensões, produção e preço, com o objetivo de esclarecer e informar o leitor sobre fatos específicos do carro.

No contexto global do texto, o “daí que” está sendo usado para concluir uma observação técnica, ligando as informações anteriores sobre as semelhanças e diferenças entre os modelos para inferir que, apesar das modificações, o carro ainda utiliza a mesma plataforma, ou seja, como operador argumentativo de valor semântico conclusivo.

(03) Sequência expositiva na expressão de consequência

É preciso que a gente se encontre mais, pessoalmente, em vez de se falar somente com auxílios de os dispositivos. Precisamos saber que em a natureza nada acontece de repente e que nosso corpo não está preparado para ficar ligado 24 horas. Precisamos de pausas: para alimentação, para a respiração, para beber água, se espreguiçar. Pausa para namorar. Sem isso, como fica teu humor? # Como você imagina que esta sociedade, que vive hoje sob o signo de o medo e cercada de reações eletromagnéticas que podem lhe fazer mal, vai ser em o futuro? # Mauricio Tatar – Penso que haverá menos gente porque muitos não sobreviverão a as questões climáticas. Ao mesmo tempo viveremos mais, tipo 200 anos, e as máquinas vão substituir o trabalho como se conhece hoje. Daí que vamos encontrar outras funções em a vida. Fonte: <https://g1.globo.com/natureza/blog/amelia-gonzalez/post/2019/02/15/vivemos-numa-sociedade-do-medo-diz-homeopata-em-entrevista-sobre-qualidade-de-vida.ghtml>

O texto 3 traz uma discussão sobre a necessidade de mudanças na vida contemporânea. A sequência apresenta uma explicação, descrevendo um cenário em que a humanidade viverá mais, mas com menos pessoas, e as máquinas substituirão o trabalho. O foco é expor uma visão sobre as possíveis transformações sociais e as adaptações humanas, o que caracteriza uma sequência expositiva.

O “daí que” nesse trecho introduz uma consequência das mudanças descritas. O fato de as máquinas substituírem o trabalho e a população diminuir implica que a humanidade precisará se adaptar. O “daí que” funciona como um conector consecutivo, ligando a ideia de transformação social à necessidade de adaptação das funções humanas, criando uma relação de causa e efeito. A expressão é interfrásica e utiliza o futuro do presente do indicativo para projetar uma visão sobre o que acontecerá na

sociedade. O estilo do texto é coloquial, com marcas de oralidade, criando uma comunicação direta e acessível.

(04) Sequência narrativa na expressão de consequência

Turistas por Olímpia, cidade que apareceu em a lista de o Viagem como candidata a melhor destino turístico para se visitar em 2018 e 2019. De bate-volta para moradores de a região em a época em que o Thermas foi aberto a o público, Olímpia chegou a uma média de 3, 5 pernoites por turista, em 2018 - 79% de os visitantes ficam de 3 a 4 noites. # Com emoção, adrenalina e muito mais # Ao entrar em o Thermas de os Laranjais, o visitante dá de cara com a Bolha Gigante, uma atração inflável de mais de 3 metros de altura que se escala com ajuda de cordas e por a qual você desce escorregando ou quicando, como preferir ou conseguir, até a piscina. A brincadeira é uma delícia de participar e hipnótica de assistir. Daí que, mal entrou, você já gasta uns bons minutos aqui. # Com 2, 2 milhões de visitantes anuais, o Thermas de os Laranjais foi o terceiro parque aquático mais visitado de o mundo em 2018, segundo levantamento de a associação internacional de o setor Themed Entertainment Association. Fomos em família. Eu estava acompanhada de duas crianças, de 8 e 2 anos, mais o avô e a avó de os pequenos. # Chegada # Era um sábado quente de abril. Não havia filas em as bilheterias (você pode comprar ingressos com antecedência, em o site). A lotação máxima é de 15 a 20 mil pessoas por dia, segundo o vice-presidente de o parque, Jorge Noronha. Habitúes em os contaram a o longo de o dia que só chega a tanto em as férias de verão e feriados prolongados - em o restante de o ano, a regra é a tranquilidade que...Fonte: <https://www.jcnet.com.br/Regional/2019/06/olimpia-oasis-de-diversao.html>

No texto 4, a sequência predominante é narrativa, descrevendo as atrações de Olímpia e narrando a experiência de uma visita ao parque aquático. O uso de “daí que” estabelece uma consequência entre a entrada do visitante no parque e o fato de ele gastar tempo na atração. A relação de causa e efeito aqui independe de inferências complexas ou conclusões argumentativas. A expressão é intrafrásica e utiliza o presente do indicativo para demonstrar uma ação frequente e previsível. O estilo é informal com marcas de oralidade.

Assim, o “daí que” funciona como um conector lógico de valor semântico consecutivo, estabelecendo uma relação de consequência entre a afirmação anterior e o que se segue. O autor indica que, por ser a atração tão divertida e cativante, é natural que o visitante, assim que entra no parque, dedique alguns bons minutos a ela.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A microconstrução “daí que” desempenha papel fundamental nas estratégias de textualização, especialmente por meio das sequências argumentativas. A análise sincrônica evidenciou uma frequência significativa de uso do conector, reforçando sua contribuição para a coerência e progressão textual. O processo de construcionalização, conforme teorizado por Arena (2015) e fundamentado em Traugott e Trousdale (2021), demonstra que a recorrência do “daí que” em sequências argumentativas reforça seu uso como articulador de relações de causalidade e conclusão. Ademais, a análise revelou que classificar sequências de forma isolada apresenta desafios, uma vez que, em muitos textos, “daí que” transita entre funções de consequência e conclusão, especialmente nas sequências expositiva/descritiva. Isso reforça a ideia de que os gêneros textuais são dinâmicos e, muitas vezes, mesclam diferentes sequências, o que dificulta uma categorização rígida e sugere a necessidade de uma abordagem mais flexível em análises com escopo textual-discursivo.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. Linguística textual e funcionalismo. In: CAPISTRANO Jr, R.; Lins, M. P.; Elias, V. M. (Org.). **Linguística textual: diálogos interdisciplinares**, São Paulo: Labrador, 2017. p. 43–56.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENA, A. B. Rota de Construcionalização do Conector “daí que”. **Soletras**, n. 28, p. 91-108, 2014.

ARENA, A. B. **Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

ARENA, A. B.; Teixeira, A. C. M. A expressão de resultado do conector *daí que*: mudança linguística em perspectiva funcional centrada no uso. Fórum linguístico, **Fórum Linguístico**, v. 18, n.3, 2021.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTANHEIRA, Dennis. Linguística de texto e funcionalismo norte-americano em diálogo: em defesa de uma agenda de pesquisas. **PERcursos Linguísticos**, v. 12, n. 31, p. 181–202, 2022. doi:10.47456/pl.v12i31.38661.

CASTANHEIRA, Dennis. **Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista**: análise textual-funcional. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (org.). Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio Janeiro: Mauad X, 2013. p. 13-39.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, Cidade, SV 1-9, 2006. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/43647577_Context_types_in_grammaticalization_as_constructions. Acesso em: 25 jul. 2025.

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.

KOCH, I. V.; Elias, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.

FÁVERO, L. L; KOCH, I. V. **Linguística textual**: introdução. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**: Volume I – Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LOPES, Monclar Guimarães; MOURA, Mayra Laurindo Rabello. Propriedades coesivas e semântico-pragmáticas do conector complexo *por isso* no português brasileiro contemporâneo. **Signótica**, v. 34, e72812, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/72812>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo, SP: parábola, 2008.

NEVES, M. H. M. Funcionalismo e Linguística do Texto. **Revista do GEL**, v. 1, p. 71–89, 2004.

SILVA, J. R.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Transitividade e variação construcional. **Revista Odisseia**, Natal, v. 7, n. especial, p. 43–65, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/27335>. Acesso em: 25 jul. 2025.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions, and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). **Variation, selection, development**: probing the evolutionary model of language change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219–250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

AQUINO, Jairo Santos. A microconstrução “daí que” e a orientação argumentativa dos textos: um estudo textual-funcional. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e96364, 2025. DOI: 10.36517/ep15.96364